ANO 9.º — Sexta-feira, 7 de Abril de 1916 — NUMERO 416

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

AO POVO PORTUGUÊS

e em especial ás organizações politicas do Partido Republicano Português

O Directorio do Partido Republicano Português já definiu publicamente qual a atitude do Partido perante a crise nacional criada pelo estado de guerra que nos foi declarada pela Alemanha.

Apoiando as declarações feitas no Congresso da Republica e inspirando se no sentimento patriotico que num voto unanime uniu o mesmo Congresso, o Directorio não tem nem deve ter outra preocupação que não seja a de orientar as forças partidarias no sentido de conjurar o perigo que ameaça a Nação Portuguêsa. Proclamou portanto a necessidade de pôr de parte as preocupações de politica partidaria, procurando por todos os meios firmar a união sagrada de todos os republicanos, oferecendo-lhes lealmente a sua cooperação para levantar bem alto a honra, a dignidade e o prestigio da Patria.

Espera portanto o Directorio que as suas comissões politicas, jornais, centros, associações e grupos, numa elevada compreensão do mesmo sentimento, contribuam nos limites da sua acção, para tornar bem firme e duradoura a obra de reconciliação em que andâmos empenhados, promovendo activamente a colaboração consciente e profunda de todos os portuguêses para o supremo esforço de defender a Patria em perigo.

A Alemanha, estando em guerra com a Belgica, com a França, com a Inglaterra, Russia, Japão e com a Servia, acabou por notificar-nos a sua beligerancia.

E' de ha poucos dias a declaração de guerra, mas de ha muito que sofremos, por parte da Alemanha, as mais pungentes humilhações. Vimos arrebatar-nos Kionga para satisfação da sua insaciavel avidez; por vezes tambem sentimos a sua garra cruel prestes a retalhar a porção mais rica e apetecida de Angola; e, quando em fins de 1914, já a tempestade da guerra agitava todo o mundo, uma horda de flibusteiros armados violou o territorio nacional no Sul de Angola, sendo necessario, para os conter, que fosse derramado o sangue generoso dos soldados portuguêses.

E' ela portanto, por uma série de afrontosas hostilidades praticadas contra a soberania de Portugal, a declarada inimiga da nossa integridade territorial e da nossa independencia nacional.

Tambem a condição de aliados da Inglaterra nos não permitia prolongar indefinidamente uma situação de aparente neutralidade, que já não cabia justamente no significado juridico que este termo tem em direito publico internacional.

A guerra veio, pois, como um acontecimento inevitavel.

Esse repto brutal de beligerancia foi recebido com desassombro e com dignidade, produzindo na alma portuguêsa uma forte emoção patriotica e como que o subito renascimento das virtudes heroicas do passado.

As nações aliadas que lutam num colossal esforço contra a barbarie teutonica em defeza da propria independencia e da liberdade dos povos, acolheram-nos com entusiasmo e com palavras de Justiça, que são motivo de orgulho para nós portuguêses.

Particularmente a Gran-Bretanha, a quem nos liga uma estreita e secular aliança, afirmou-nos a sua amizade em termos significativos e calorosos, que estimulam o nosso brio e valorizam singularmente a nossa situação internacional.

E o Brasil, a nação irmã a quem nos prendem laços de tanto afecto, estende-nos fraternalmente os braços em comovidas demonstrações de carinho e de solidariedade.

E' neste ambiente moral de milhões e milhões de almas amigas, que vão retemperar-se as energias antigas da raça portuguêsa, de modo a podermos olhar o futuro com uma calma e serena confiança.

Importa, pois, na actual conjuntura, que as comissões politicas, centros, associações e todas as demais entidades da nossa organização partidaria, por meio de conferencias e de missões de propaganda, esclareçam o povo sobre as causas e origens da nossa participação na guerra, pondo em evidencia que Portugal ficaria para sempre deshonrado, merecendo o desprezo do mundo inteiro, se não cumprisse os deveres de lealdade impostos pela secular aliança com a Inglaterra.

E que entrando na união sagrada dos povos que defendem o principio das nacionalidades, as conquistas do Direito e da Civilização, contra as brutais teorias de dominio universal dos imperios barbaros, defendemos a nossa independencia, defendemos a estremecida terra de Portugal, a historia imorredoura de um povo de herois, os nossos lares, as nossas familias, os nossos mais puros afectos, a nossa Patria, enfim.

E' preciso levar a toda a parte, até ás aldeias mais distantes, palavras de verdade e de confiança, inspiradas em lições de patriotismo, para manter os animos fortes e um estado de consciencia colectiva que corresponda ás circunstancias do momento, e que prepare todos os portuguêses para oferecer á Patria os sacrificios que lhes exigir.

Amêmos a Patria em todos os seus elementos espirituais e materiais; amêmo-la enternecidamente nos seus meios de defeza militar; e que cada cidadão seja um soldado, disposto a lutar e morrer heroicamente em sua defeza.

Nesta hora que passa, subordinemos todas as forças do nosso espirito ás palavras inspiradas de Jules Ferry:

O amor, a paixão, o culto da Patria devem absorver e resumir todos os cultos, todos os afectos e todas as paixões.

VIVA A PATRIA!

O Directorio do Partido Republicano Português

A situação politica

—(*)—

Tem-se falado ultimamente muito em crise ministerial devido á proposta de amnistia que vai ser presente ao parlamento e segundo a qual serão beneficiados tanto os conspiradores monarquicos como os membros do ministerio Pimenta de Castro, de triste memoria.

O cérto, porêm, é que não passa de boatos tudo quanto a esse respeito se tem dito e escrito, para encher papel, visto as mais recentes informações darem como perfeitamente equilibrada a harmonia no ministerio, como convem aos altos interesses nacionais na hora perigosa e dificil que atravessâmos.

Tudo o que não seja assim é cavar fundo a ruína da Patria, tendo nós por obrigação chamar á responsabilidade de um tal cataclismo os que se esquecem dos deveres contraídos para com ela.

Films...

Um exemplo

O bispo de Gap, que acaba de ser mobilisado, dirigiu uma carta aos seus fieis na qual, depois de constatar que mais de um cento de sacerdotes ou seminaristas da sua diocese estão em armas, termina dizendo:

> O nosso nome vai juntar-se á lista dos ausentes e o nosso logar vai ficar vago. Na nossa qualidade de capelão militar, dentro de alguns dias partiremos para junto dos exercitos e não ha duvida de que altamente apreciâmos a honra de oferecer o nosso sangue para o resurgimento da França cristã, se Deus quizer mistura-lo no calix da Patria, ao que tantos outros já generosamente verteram.

Que belo exemplo patriotico, digno de ser seguido, nos dá este padre francez, monsenhor Liobet!

Casamento

Anuncia-se o da conspiradora D. Constança Teles da Gama com o cabecilha monarquico D. João de Almeida.

Enlace auspiciosissimo, é de supôr que o ex-monarca D. Manuel veja nele um ridente futuro para o engrossamento das suas hostes...

Pronto a marchar

O sr. Brito Camacho, major medico do exercito, que estava em goso de licença ilimitada, apresentou-se ao serviço no comando da 1.ª divisão militar.

Um bravo ao chefe da União pelo gosto que vai causar aos criticos quando o virem fardado e de mochila ás costas...

! ! !

Entre dois conhecidos *jornalistas* houve no domingo á noite azeda discussão que terminou com tres retumbantes adjectivos, trezandando a alcool.

Se era domingo...

Outra opinião

Cabe a vez agora ao sr. Julio de Vilhena dizer o que pensa sobre a restauração monarquica pelo que transcrevemos do livro, que acaba de publicar o antigo ministro da monarquia, este precioso trecho:

> Posso julgar, como efectivamente julgo, que uma restauração sob a magestade do sr. D. Manuel não é viavel com caracter de permanencia, porque faltam ao rei todas as qualidades necessarias para governar um país na fase da sua maior agitação, como seria aquela que se seguisse á extinção da Republica. Posso entender que a monarquia de ámanhã, com o sr. D. Manuel á sua frente, seria o mesmo que a monarquia de ontem, agravada pela força de um recente triunfo, embora transitorio. Posso pensar como quizér.

Creia que pensando assim pensa muitissimo bem. Só não lhe poderão perdoar tanta franquêsa os correligionarios ainda agarrados ao principio de que nem todas as verdades se devem dizer.

Haja vergonha!

—(*)—

Decorrem os tempos, passam os dias, sucedem-se os mezes, sôam as horas, perpassam os minutos, e o sr. governador civil, como as maquinas Singer—leve e... silencioso—continua mantendo escandalosamente a situação do administrador do concelho, que é, ao mesmo tempo, amanuense do governo civil, comissario de policia, secretário da estatistica, fóra o resto, e cujos proventos o colocam *brilhantemente* ao abrigo da crise das subsistencias.

Nunca, por nunca ser, se viu disto em Aveiro. E' até onde póde chegar o descaramento da ganancia, o cumulo do interesse, o desaforo das conveniencias.

Não foi para isto, positivamente, que a Republica se implantou em Outubro de 1910. Não foi para que continuassem os abusos que se sacrificou tanta gente e que se derramou tanto sangue. Por isso nos insurgimos contra mais esta imoralidade, clamando, em nome dos principios que sempre defendemos, que a ela se pônha côbro quanto antes para honra da Republica e decôro do partido democratico.

CENSURA PRÉVIA

O *Diario do Governo* de quarta-feira publica os nomes da comissão para a censura preventiva das publicações no distrito de Aveiro, enquanto durar o estado de guerra, comissão que é composta dos seguintes cidadãos: coronel de infanteria José Cristiano Brazil, major reformado Carlos Alberto da Paixão e capitão reformado Belmiro Ernesto Duarte Silva.

Supressão de comboios

A partir de quarta-feira foram suprimidos alguns comboios das linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses e entre eles dois *rapidos* que faziam o trajecto Porto-Lisboa, tudo isto fundamentado na elevação do preço do carvão e de outros materiaes que tendem a escassear no mercado.

No norte levantou-se grande celeuma, sendo a imprensa do Porto unanime em condenar as deliberações da Companhia por não ter atendido aos interesses da cidade, como era de justiça e de esperar que acontecesse.

Muitas colectividades, se não todas, protestam tambem com veemencia e pédem a modificação do novo horario, mas segundo parece não ha fórma de se chegar a um acordo pelo que é descontentamento na segunda capital da Republica.

A PESCA NA RIA

Ao lado das reclamações justas, mas contra toda a especie de especulação e desrespeito á lei

Fizémos vêr aos nossos leitores nos ultimos dois numeros deste jornal, que, bem ao contrario do propalado por alguns periodicos de Aveiro, a pesca **é inteiramente livre na ria para todos os aparelhos não nocivos, e que dois unicos, de arrastar, já abolidos no resto do país, mas aqui ainda permitidos, só esses sofrem o defeso de 3 mezes e 4 dias durante o ano,** defeso que é indispensavel para proteger as creações. E mais fizémos vêr que abolidos da pesca do estuario foram tão sómente os aparelhos fixos, a *chincha* devastadora e a *fisga* contra a qual todos os pescadores de redes ergueram os mais altos protestos.

Não ha, pois, razão nenhuma para se dizer e publicar que se não deixa pescar, que a ria está fechada aos pescadores, que o Estado promulga leis que só conduzem á fome e á miseria e que derogar a lei da ria é a medida que se impõe, necessaria e urgente, para que a abastança renasça, para que a normalidade economica se restabeleça.

Está bem de vêr que, no estado de protecção em que se encontra a fauna da ria ha 3 anos, se os aparelhos nocivos fôrem agora pescar, eles farão desde já uma farta colheita de creações, **para escasso,** e dentro de bréves dias, logo que a primavera se acentúe, grande captura de peixes, como diz o relatorio do regulamento, que temos sobre a mesa.

Mas que lesão não vai isto causar imediatamente nos aparelhos legaes, e que futuro não se prepara para eles nos mezes seguintes?

Porque, saibam todos quantos nos lêem, é preciso ao encararmos estes assuntos, não tratarmos só dos interesses daqueles que temos ao pé da porta, sem querermos saber dos outros, dos restantes, que são o maior numero, os mais pobres, os mais desgraçados, os verdadeiros desprotegidos, seguindo o adagio de que *longe da vista longe do coração*.

Nós dâmos de barato que o regulamento em vigor seja susceptivel de algumas modificações. Era mesmo um contrasenso supôr o contrario. Mas do que não resta duvida alguma é de que esse diploma constitúe um dos mais bem feitos, mais bem estudados, e mais justos e liberaes que temos conhecido.

Para se chegar a esta conclusão é preciso, porêm, estuda-lo tambem, lêr conscienciosamente o relatorio que o justifica.

Depois de o termos lido e ponderado, nós, sem de modo nenhum querermos entrar em particularidades, para o que nos não julgamos habilitados, vimos claramente esta questão, e, tal como ela realmente é, a vâmos expôr com desassombro e com toda a lealdade.

* * *

O debatido assunto da pesca na nossa ria é, afinal, unica e exclusivamente—os *botirões*.

Mais nada. Tirados os *botirões*, não ha mais reclamações, não ha mais discordias. Os regulamentos passam a ser aqui bons e exequiveis como em toda a parte. E emquanto eles subsistirem, ou as ideas sobre eles, não ha regulamento nenhum que preste e são continuos os pedidos ao Govêrno para que volte a mandar estudar o assunto.

Ora o assunto está estudado e mais que estudado.

O que é ele?

Uma questão de moralidade, na sua sintese mais completa.

E' uma luta, que vem de longos anos, entre a justiça e o predominio, entre o desprotegido e o privilegiado, entre o humilde e o poderoso.

E honra seja feita não só a estes, que por ultimo se pronunciaram nesta luta, mas a quantos a ela teem sido chamados de longos anos, porque todos, sem distinção, segundo nos informámos, depois de a observarem, tomaram nobremente e honradamente, com inteira consciencia, o partido dos verdadeiros proletarios, pugnando pelo fomento da industria, exaltando a religião do trabalho.

Vejâmos: o que são os *botirões*? Umas enormes redes fixas, ou armações permanentes, que, amarradas a umas poucas de linhas de estacaria, tomam e atravancam o porto. E póde-os armar quem quer? Não. Só uns cértos e determinados concessionarios que trazem de longe esse direito.

E donde vem esse direito? Como foi ele adquirido?

Não se sabe. De tolerancia em tolerancia, e sempre com o pretexto de que se tal estado de coisas se acabar morrerá tudo de fome, chegou ele até nossos dias.

E quem indemnisa os outros pescadores desta tomadía permanente dos leitos, ás suas rêdes volantes ou derivantes? Quem indemnisa a navegação livre, dos transtornos que sofre, dos perigos a que está sujeita quando haja máu tempo, ou nevoeiro, ou noites escuras?

Ninguem indemnisa nada. E' um feudo puro e simples. Os desgraçados que se empregam na industria da navegação a fretes trabalham pelo dobro para fazerem passar os seus barcos pelas cales no tempo dos *botirões*, e os pobres pescadores sofrem pacientemente esse senhorio da ria que lhes cerceia a área e a abundancia do pesqueiro, assim como sofrem mais resignadamente ainda, depois dos *botirões* levantados, os prejuizos das rêdes rasgadas nos numerosos *peguilhos* que lá ficam e não são mais que estacas partidas que se não pudéram arrancar.

Mas o Codigo Civil não se opõe terminantemente a essa ocupação do dominio publico, a essa absorpção das aguas e leitos de um porto maritimo?

Opõe. Terminantemente. E tanto assim, que no principio do ano passado a Capitanía do porto empreendeu, por este mesmo principio fundamental da nossa lei civil, a cruzada contra o privilegio das *barcas de passagem*, **e as barcas aí estão amplamente livres,** tendo as câmaras municipaes perdido direitos e réditos que eram antiquissimos.

E não é cérto que para se poderem meter duas simples estacas na agua, destinadas a uma rudimentar ponte de atracação, *nós* precisamos de inumeras licenças num processo de petição *complica-*

do, o que o Estado impõe com o fim de zelar as bacias hidrograficas? E' cérto. E daqui resulta o seguinte paradoxo, ou antes o seguinte disparate de administração publica: tolherem-se duas estacas á beira da agua para a pobre ponte, e permitirem-se no meio da càle centos delas para as rêdes fixas!!

* * *

Não pretendêmos hostilizar ninguem.

Vemos que na numerosa classe piscatoria da ria existe uma scisão completa na hora actual. De um lado: os verdadeiros pescadores, unidos quasi todos, constituindo o maior numero, aclamando a lei benefica, protectora. Todos estes dias temos falado com eles, que nos dizem textualmente:

Estamos muito melhorados. Tirando os mezes em que o peixe emigra ou se esconde, fazemos hoje por noite o que dantes não faziamos por quinzena. Tirando a zona protbida á boca da barra, pescamos por toda a parte, livre das estacadas dos botirões, *que foram uma praga na ria. Ainda assim deixaram lá tanto peguilho que é um perigo ir para muitos sitios com as* branqueiras. *Rasga-se tudo e perde-se a pescaria. Era uma caridade a senhora capitania pedir ao governo a limpeza das cales, que mais não fosse a de Ovar ao menos.*

De outro lado: os concessionarios do *botirão*, em numero reduzido, cêrca de quarenta ao todo, aqui e na Murtoza, que são afinal quem ha meio seculo brama contra todos os legisladores e contra qualquer norma de trabalho, definida e certa, que se queira implantar e manter na exploração do estuario.

De um lado, nesta numerosa familia dos pescadores, está a massa anonima, satisfeita, a progredir. Do outro lado, um grupo de privilegiados, uma especie de aristocracia, que só póde marear a sua vida com regalias especiais, com medidas de excepção, contrárias e antagonicas ás leis gerais, aos regulamentos, a tudo que constitue as bases de uma sociedade civilisada.

E é para pasmar, na verdade, que, numa cidada como Aveiro, que não é positivamente a Cortegaça, se tome a torto e a travez o partido da licensiodade contra a justiça, e não surja outra voz, senão a nossa, que tolha o passo á calunia que por aí escorre, insensata e triste, a envenenar os espiritos, os corações, os sentimentos de uma população inteira, liberal, trabalhadora, bem intencionada.

* * *

Não está no nosso animo levantar quaesquer atritos ou obstaculos ás pretensões de ninguem. Sabemos, para mais, que o momento historico que passa é de gravidade para o nosso Portugal, como aliás para todos os países, para o mundo em pêso. Sabemos que as dificuldades de vida são já grandes, hoje, para todos, sendo mesmo para alguns quasi pavorosas. Sabemos ainda que, á medida que a guerra se fôr protelando, tudo hade ir indo a peor. Temos de olhar todos para o futuro, não nos podemos preocupar sómente com o dia de hoje, fechando os olhos ao que ha de ser o dia de ámanhã.

Pois bem. A nossa gente da beira-mar deseja mais uma tolerancia aos seus aparelhos? Os nossos mercados de peixe precisam, em atenção á alimentação publica, que se abra mais uma excepção á letra da lei? E' conveniente, é util que se lance mão dessas medidas de ocasião? Nós não o contestâmos, em nada nos opômos a tal passo de administração publica; confessâmos até que nos faltam elementos precisos, dados rigorosos, para nos pronunciarmos conscientemente sobre isso.

O que simplesmente desejâmos é que qualquer pedido a fazer se formule de uma fórma definida e correta, com franqueza e com lealdade, sem campanhas de descredito contra o Estado e contra os seus funcionarios, invertendo a razão e a justiça, chamando ao branco preto e ao preto branco, perturbando a ordem e o trabalho licito e legal, promovendo o desprestigio e a indisciplina, cousas que são agora para nós *de vida ou de morte.*

Conceda-se qualquer tolerancia, sim; mas no entendimento de que a Republica não continúa a mercadejar o bem geral de todos a troco da influencia politica de meia duzia, e não deixa postergar indefinidamente, com esse fim oculto, o exato cumprimento das leis e a implantação da verdadeira liberdade de trabalho na nossa ria.

O Brazil

Maravilhoso discurso de Guerra Junqueiro no Teatro Republica, de Lisboa, em honra do poeta brazileiro Olavo Bilac

Da essencia ideal que imortalizou as nossas descobertas e fez por um instante, na historia do globo, de um punhado de marinheiros e de cavadores a maior patria do mundo, a eleita do Eterno, a encarnação heroica do divino, tres monumentos de beleza augusta nos ficaram: um retabulo, um templo, uma epopeia. Tres *Luziadas*: os de Nuno Gonçalves, os de Camões, os de Santa Maria de Belem. Criámos Eschilo e Prometheu, o redentor e o cantor, o heroi ovante, que o liberta e o genio irmão que o traduz em musica. A musica da luz, a do marmore, a da palavra. E ao mesmo tempo que geravamos as duas grandes epopeias equivalentes, uma na acção, outra no cantico, reproduziamos a patria maravilhosa que lhes deu alma, criando um novo Portugal, o do futuro, debaixo do novo céu, no mundo novo. O Brazil é a eucaristia sagrada dos *Luziadas*. Fizémo-lo á nossa imagem e semelhança, com torrentes de vida—o nosso sangue, com um hino de aurora—a nossa fé, com estrelas de dôr—as nossas lagrimas. Fizémo-lo com beijos e canções, lavrando, batalhando, resando, de armas nas mãos e de mãos postas. Viver é conviver, Viver é amar. O gráu de amor é o gráu de vida, e vida infinita chama-se Deus—infinito amor. Mas não vai para Deus quem traz unicamente nos labios a silaba suprema. A invocação não basta. Quem o não realiza não o adora. Ha homens bons, que se julgam ateus e são deistas, como ha deistas rancorosos, que são ateus e o não conhecem. Luisa Michel foi deista e Torquemada foi ateu. Os homens e as patrias valem, pois, mais ou menos, conforme o seu gráu de religião, quer dizer, o gráu de fraternidade, o gráu de amor. A patria mais perfeita será a mais local, pelo amor á gleba, e a mais universal, pelo amor ao mundo. O meu amor á Patria começa nas amizades do meu corpo ao ar que respiro, á agua que bebo, ao pão que me alimenta, ao fruto que desejo, á flôr que me embalsama, á luz que me deslumbra. Depois vem o amor á minha casa, desde os avós aos netos, dos berços aos sepulcros. Depois o amor á minha aldeia—choupanas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemiterio ao lado. Depois o amor á provincia, á região, á patria toda—aos mortos, aos vivos e aos vindouros. Mas a chama do meu amor espiritual beijará com mais devoção os que mais enobreceram a patria, isto é, os que mais honraram a humanidade. Portugal é uma patria esplendida, porque é a mãe divina do Condestavel, a mãe do infante-descobridor e do infante-martir, de Nuno Gonçalves e de Fernão Lopes, de Bartolomeu Dias e de D. João II, de Gama e de Camões, de S. Francisco Xavier e de Alvares Cabral, de D. João de Castro e de Albuquerque, de Fernando de Magalhães e de Gil Vicente, de Soror Mariana e de Bernardim Ribeiro, de Miguel de Almada e de Pombal, de Fernandes Tomás e de Mousinho, de Herculano e de Sá Nogueira, de Passos Monuel e de Garret, de Camilo e de Antero, de José Falcão e João de Deus. E, acima de tudo, ela é a mãe do povo português, do povo de Aljubarrota, das descobertas, de Montes Claros, do Bussaco, da Terceira, da Rotunda, creador imortal de herois anonimos, e de santos plebeus e pobresinhos, que guardam ovelhas, semeiam serras, dormem nos eirados e falam com os anjos; do povo candido e cristão, amoroso, meigo, melancolico, impregnado de Deus e de natureza, e tão abismado em sonhos e saudades, que, deixando gemer a alma numa frauta, é o maior lirico do mundo, o maior poeta de Portugal. Eis o povo que fez nas terras de Santa Cruz a patria irmã. O Brazil não chegou a ser uma colonia. Foi logo nação, foi logo patria: a nova patria portuguêsa, com novos herois e descobridores, com novos santos e novos Orfeus, novas enxadas e novas liras. O Brazil em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640, e a mesma fé que nos conduz á revolução em 20 o arrasta á independencia em 1822. Abrazou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama. Fernandes Tomás e José Bonifacio, em vez de inimigos, eram irmãos. As nossas patrias desligaram-se, para melhor se casarem. Desuniram os corpos, para estreitarem as almas. Duplicando-se, quizéram-se mais. O amor cresceu em beleza, porque aumentou em liberdade. Vivendo tão livres e distantes, fraternizamos hoje como nunca. Na gloria e no sonho, nos ais e nos beijos, no riso e na dôr. Amando-nos através das ondas, vencemos o espaço. Amando-nos através da historia, vencemos o tempo, que já foi. E, com a imortalidade do nosso amor, venceremos a morte, no porvir. Quando Portugal, honrando duas alianças, a aliança humana e a aliança inglêsa, entra na falange das nações heroicas que se batem pela causa augusta do direito imortal e da justiça eterna, sente-se forte, ovante, esplendoroso, porque leva na alma, hostia sagrada, a alma bemdita do Brazil. Exaltemos em côro imenso a patria-irmã, aclamando Olavo Bilac, o seu grande poeta. Eu, beijando-lhe a fronte, beijo o Brazil no coração.

NOVA ESCOLA

No logar do Bóco, freguezia de Sôza, concelho de Vagos, deve inaugurar-se no proximo domingo, festivamente, uma nova escola do sexo masculino, que, devido ao empenho do vereador municipal, nosso amigo sr. João Sineiro, ali foi creada com verdadeiro aprazimento de todos os seus conterraneos.

Fabrica da Fonte Nova

Vai recomeçar a sua laboração, agora sob a gerencia exclusiva e direcção tecnica do sr. Manuel Pedro da Conceição, este antigo estabelecimento fabril, que ha dias havia fechado por divergencias entre os dois socios, como noticiámos.

A *Fabrica da Fonte Nova* é donde teem saído inegualaveis obras de arte, em faiança, espalhadas hoje por todo o país e assim se compreende quão grande deva ser o contentamento dos que se orgulham de vêr o nome da terra engrandecido á custa dos trabalhos que nela se produzem.

FEIRA DE MARÇO

Está a terminar, tendo a maior parte dos comerciantes que a ela concorreram feito explendido negocio, tal o numero de transações realizadas até hoje.

Os que, porêm, mais satisfeitos devem partir são os das barracas dos *tres vintens*, cuja afluencia, sempre constante, os deixou completamente exaustos . . . de artigos daquele preço.

As subsistencias

—=(*)=—

Avisinham-se, sem duvida, gràves acontecimentos se não fôrem tomadas imediatamente as providencias tendentes a pôr termo a uma situação que entrou ha muito nos dominios dum verdadeiro crime, sem precedentes. Apezar da constituição dum novo ministério de trabalho, apezar de sucessivos decretos e mais decretos, comissões e mais comissões, resumindo-se finalmente tudo em palavriado chocho e ôco, sem o mais insignificante resultado, a crise da alimentação publica avança esmagadora e terrivel por toda a parte, sem que nos conste, nem a ninguem, que tenha sido tomada a mais pequenina medida protetora e indispensavel, a favor dos que não pódem nem tem com que manter-se nesta situação dificil e gràve.

Em nome da defêsa da Patria todas as medidas, todas as determinações, as mais dolorosas, tem sido aceites patrioticamente pela população inteira; pois em nome dessa mesma população, a quem não ha só o direito de exigir a vida e o sangue, adotem-se as medidas que a salvação publica insofismavelmente exige.

Sobre este momentoso assunto escreve assim um colége portuense:

E' preciso pensar em que ha desgraçados para quem já não a carestia, mas a propria normalidade dos preços das subsistencias, tornam o caminho aspero, o lar sombrio, a vida amarga! E' preciso lembrarem-se de que ha miseraveis, de que ha famintos, de que ha a legião imensa dos sem recursos, dos sem fortuna, dos sem pão e sem albergue, de todos aqueles que mourejam a vida no trabalho sem treguas para o vêr premiado na miseria sem piedade! E' preciso não esquecerem os esfarrapados, os sacrificados, os tranzidos, a cuja alma sem esperança e a cujo braço sem vigor se acolhem creanças á beira do berço e amparam velhos á beira do tumulo! E' preciso que o pão negro, o pão de forçados, o pão de condenados, o pão de cevados, que lhes atiram e lhes destinam, lhes não custe oiro feito de sangue, nem sacrificios feitos de lagrimas! E' preciso que estes dias de tanta duvida e de tanta angustia não sejam de desespero e de morte para aqueles que não possuem nem o lume que os aqueça, nem o pão que os alimente, e sejam de abundancia e de riqueza para os cezares da ganancia e os pontifices da usura—bandidos sem piedade, scelerados sem escrupulos!

Todos nós estâmos á mercê de uma Falperra organisada e disciplinada. O nosso dia de ámanhã é cada vez mais cheio de sombras, e por muito desesperado que seja o nosso esforço, por muito forte que seja a resistencia do nosso braço e por muito fecundo o suor que nos alaga, nós não podemos saciar a voracidade sem limites dos empreiteiros das subsistencias. Batam a todas as portas, inquiram em todos os lares, consultem todos os que tem as responsabilidades de uma familia e todos os encargos de uma vida domestica, e vejam quantas inquietações, quantas surprezas, quantos desesperos para manter o equilibrio entre as despezas e os recursos. E se isso é assim nas medianias, o que será entre os abandonados da sorte e os condenados da fortuna?

Não! E' preciso pôr termo a isto! E' forçoso acabar com o supremo cinismo na suprema covardia, ou mostrar que aqueles a quem se trata como cães para sofrer se pódem transformar em lobos para atacar!

Diz muito bem. E' preciso que sejam atacados os responsaveis por todo este desumano despreso por uma questão, que, sendo de capital interesse, quasi se acha abandonada por quem a ela devia dedicar a maxima atenção.

E' preciso e urge que se faça quanto antes.

FESTA DE CARIDADE

No Teatro Aveirense e promovido pelo *Instituto de Cegos Branco Rodrigues*, do Estoril, realisa-se no proximo dia 29 um *sarau* em que tomarão parte exclusivamente alunos desse estabelecimento de ensino especial e de beneficencia, com o seu orfeon, que nos vai revelar o estado de adiantamento intelectuul e artistico desses infelizes no nosso país e ao mesmo tempo mostrar-nos quanto tem sido proficua a cruzada dos que com amor e carinho, como o sr. Branco Rodrigues, se dedicam á prática do bem.

Eis o programa:

1.ª PARTE—1) Canto coral: 1) *Hino do Instituto*; 2) *A Brisa*, letra de Tomàs da Fonseca; 2) Leitura, escrita e operações aritméticas; 3) Violino e piano: *Cavalaria Rusticana*, de Mascagni; 4) Recitação: *No som dum violino*, de Diogo Carlos Reis; 5) Piano: *Larmes et sourires*, de Bachmann; 2) *Crieur de nuit*, de Poret; 6) Recitação ao piano: *O Minho*, de Sebastião Pereira da Cunha; 7) Canto coral: 1) *Canto da noite*, letra de Tomás da Fonseca; 2) *O Farol*, musica e letra de Alvaro Bispo.

2.ª PARTE—1) Violino e piano: *Cavatina*, de Raff; 2) Recitação: Poesias de João de Deus, L. A. Palmeirim e Pinheiro Chagas; 3) Recitação ao piano: *O pobre*, de Antonio D. Barbosa; 4) Piano: *L'hirondelle et le prisonnier*, de Croiset, pelo aluno Joaquim Nunes Pinto, discipulo do insigne professor Rey Colaço; 5) Piano a 4 mãos: *Carrilon de Louis XIV*, de Neustedt; 6) Canto coral: 1) Côro da *Serrana*, de Alf. Keil; 2) *Desgarradas*, de Ernesto Maia; 3) *Madame Butterfly*, côro dos marinheiros, de Pucini.

No intervalo da 1.ª para a 2.ª parte do *sarau* exibir-se-à uma sensacional fita cinematografica de interesse historico e que mais valor artistico possue entre as dos *films* da série de oiro, pela maneira perfeita como se desenvolve a acção dramatica e como foram ligados os seus diversos episodios, alguns dos quais se desenvolvem em lindos decoros habilmente escolhidos.

O SAL

Pelo resultado da analise quimica a que foi submetido este produto, que constitue uma das riquêsas naturais de Aveiro, concluíu-se que não contém nenhuma impurêsa que possa causar a decomposição de qualquer carne, sendo portanto menos verdadeiro tudo quanto se fez propalar em seu desabono.

Está por esse lado morta a questão.

TOURADA

Parece que se repete depois de ámanhã uma segunda edição do que se passou no ultimo domingo no largo da feira, ao Rocio, numa pequena praça ali construida.

Não representa, por certo, todo o prejuizo para a empreza o contrato com alguem que, percebendo alguma cousa do que seja *aquilo*, possa aparecer a executar trabalho, que a não maravilhar o publico, o que se não pretende, pelo menos o satisfaça, oferecendo-lhe ocasião de poder vêr... alguma coisa.

Aconselhâmos, por isso, á empreza este recurso, que é indispensavel, e por aqui ficâmos nas nossas considerações sobre o *famoso* espetaculo, considerações, que, muito justificadamente, poderiam ser em extremo... desenvolvidas!

Notas mundanas

Teve ha dias o seu bom sucesso, dando á luz uma menina, a esposa do sr. Ernesto Maia, zeloso empregado da estação telegrafo-postal da Costa do Valado.

Os nossos parabens.

Estiveram nesta cidade os srs. Manuel Silvestre e Guilherme Francisco Luiso, de Nariz; Adelino Pinhal, da Palhaça e Manuel dos Santos Ferreira, da Povoa do Forno.

Acentuaram-se um pouco as melhoras da esposa do sr. Antonio de Brito.

Por ter sido chamado ao serviço, está em Aveiro o alferes de cavalaria 8 sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues.

O MILHO

E' cada vez mais escasso no mercado de Aveiro, vendendo-se o que aparece por elevado preço. E as autoridades sem tomarem providencias, sem ouvirem os clamôres dos que necessitam desse cereal para seu sustento, apezar de bem alto, todos os dias, se fazerem ecoar por essas ruas fóra! Onde se viu uma coisa assim? Onde se viu um governador civil ter, na conjuntura atual, a sua residencia fóra da séde do distrito e comparecer na sua repartição apenas meia duzia de horas por semana quando o Estado lhe paga a sua permanencia no gabinete que lhe compéte ocupar? Onde se viu que um administrador de concelho tenha, além desse, mais dois logares remunerados pelo Estado, onde é obrigado a estar ás mesmas horas, tratando de assuntos completamente diferentes? Só em Aveiro. E pois que a essas entidades a crise não afecta porque, *patrioticamente*, andam bem remuneradas dos seus *multiplos* serviços á região e ao país, tendo de sobra para o pão de trigo, segue-se que tanto faz haver milho como não haver, para suas ex.as é o mesmo. Tudo corre bem, no melhor dos mundos possivel.

Se assim fôr sempre...

* * *

Depois de escrito o que acima fica, chamam a nossa a atenção para esta correspondencia inserta no *Diario de Noticias* de quarta-feira:

Agueda, 3.—Ontem, no mercado da vila, em virtude da falta de milho e do alto preço que os lavradores pedial, o povo amotinou-se e em grupos numerosos correu ás casas particulares, exigindo este cereal e obrigou o dono do celeiro pertencente á casa da Quinta das Lagrimas, de Coimbra, a fornecer todo o milho ali existente.

Os sinos tocaram a rebate e toda a manhã a vila esteve em reboliço.

Isto vai tomando um caracter gràve, porque ha mêses saíram daqui centenas de alqueires de milho e agora não o ha.

Se o govêrno não fornecer este alimento, teremos de presencear factos gravissimos.

Tambem nos consta que numa freguezia deste concelho ha uma fabrica que queima este cereal.

Quer dizer: o sr. governador civil nem cá nem lá. O cumulo da inepcia.

CARTA

E'-nos solicitada a publicação da seguinte:

Sr. Director

Permita v. que um obscuro mestre escola meta a sua colherada no estafado assunto da pesca da ria, não para clamar que o respectivo regulamento é mau, peor ou péssimo e quejandos superlativos sinónimos que para aí aparecem estampados em letra redonda, nem tão pouco para o criticar (que não chego a tanto) mas sómente para corrigir (é o termo) a sintaxe esfarrapada do artigo que *O Distrito de Aveiro* publicou, no seu ultimo numero, com pretensões a critica ao erudito relatorio oficial que precede e justifica o regulamento de que tenho um exemplar na biblioteca da minha escola.

O articulista que—quem sabe?—talvez fosse meu discipulo, ha de estranhar o atrevimento com que venho quebrar lanças pela sintaxe e tambem pela logica atrozmente anavalhada no infeliz artigo, cuja aparição me causou pruridos na fibra gramatical, coisa que me não bulia enquanto a diatribe tresandava a ralhos de regateiras.

Eis o motivo do que segue:

No primeiro periodo do escrito, o autor distingue *a população maritima de todos os que da ria tiravam adubos e peixe.* Pretendia ser redundante e saíu desconchavado. Todos os pescadores e moliceiros da ria fazem parte da população maritima.

Logo no principio diz que *todos os jornais são concordes*, mas logo abaixo exclue o *Democrata* e a *Razão* e, se quizesse, podia ter excluido os *Sucessos.* Já vê que não são todos, mas, vá lá... passe.

A seguir diz que os fundamentos do ataque ao regulamento *estão nos genuinos principios da logica.* Ora, deixe-me dirigir a ele, meu caro discipulo — se é que o foi — então o senhor quer *logica* para fundamentar principios scientifico-naturais ou experimentais?... Porque não diz o senhor aos da beira-mar que pesquem com *logica* já que os não deixam pescar com a malha miúda? O Santo Antonio lhe valha com a logica que prégava aos peixes...

Vem depois esta: *levianas determinações de caracter juridico.* O meu distraído discipulo—suponhâmos que o foi—saberá explicar-me que bicho é aquele? Ora repare e convenha em que lhe serve muito bem aquela frase do Ramalho: *isto não é escrever, é coçar-se.*

Andando... Então a convicção de que o regulamento não é benéfico, não é só sua, *é tambem* a de muita gente inteligente?... *Tambem*, seu maganão!... Não deixa os creditos por bocas alheias... (Perdoem-me os tolos).

Segue: *O regulamento de 1912 começou este ano a produzir...* etc. Este periodo faz-me lembrar o amigo Banana que morreu aos sessenta anos e

Se consegue viver mais dez anos
Só morria depois dos setenta...

O meu ingenuo ex-discipulo quer saber se o *Regulamento da Pesca* póde melhorar as condições da ria evitando o açoriamento. Póde; e se se lhe dér um geito até póde fazer crescer o cabelo e tirar as dôres de dentes...

Não se zangue que isto *é força de expressão.*

Certamente o artigo não foi visto pela censura prévia, porque não lhe cortaram aquele periodo que começa por: *Claro que as especies ictiologicas...*

Não é que o periodo possa revelar aos alemães as manobras dos nossos peixes quais *Nautilus* a *percorrer* as vinte mil leguas da *vastissima amplitude do oceano*, etc., mas é que as grandes parvoíces tambem teem censura prévia, que não sendo a do proprio articulista quando as escreve, censurando-se a si mesmo, bom seria que doutrem fosse, ao menos para proveitoso exemplo dos alunos de instrução primaria. Venha cá, senhor meu ex-discipulo: olhe que os peixes não teem *intuito*, teem *instinto*, e os estuarios não são formados pelo oceano. Fique-se com esta e vai de graça.

O que lhe não fica mal é a confissão de lhe luzir o olho para o rico peixinho que anda na ria e que lhe faz crescer agua na boca. Isso é humano e desculpavel.

Agora, o meu discipulo, mete o Maltus á bulha com o platonismo e larga-se a dizer outra vez que o regulamento *não tem rigor logico!...*

O' logica, corro a salvar-te que estás prestes a afogar-te na ria!

Não tem rigor logico porque o Relatorio, tratando da escolha de um local, de menos de meio hectare, para a construção de um viveiro modelo, diz não se terem feito *aí* experiencias concludentes sobre a afluencia das criações *a tal ponto restrito de ria.* E' uma logica de... rochedo.

Depois das tres estrelinhas é que ele vem bonito...

Não se trata de saber se o regulamento é bom ou mau, o que é preciso é suspende-lo já, sem perda de tempo.

Para este desfecho era escusado um exordio tão cheio de baboseiras logicas e ilogicas. Podia mesmo o meu inteligente ex-discipulo lavrar o decreto nestes termos:

Art. 1.º—O regulamento da ria, bom ou mau, não presta para nada porque não tem rigor logico e por isso é intuitivamente banido da logica, podendo pescar-se livremente com logicas de qualquer malha.

Art. 2.º—Fica revogada a logica em contrario.

Desculpe-me, sr. Director, este coçar-me das cocegas que ás vezes sinto, e creia-me

De v. etc.,

Demo

Propaganda patriotica

A Cómissão de Propaganda Patriotica de Aveiro, que todos os dias tem reunido na sala das sessões da Câmara Municipal, resolveu convidar, para dar inicio aos trabalhos que constituem o fim da sua missão, o antigo parlamentar dr. Egas Moniz e ao mesmo tempo enviar a várias entidades do distrito a circular que passâmos a transcrever integralmente:

Ex.mo Sr.

Todos conhecem a gravidade da nossa situação.

O estado de guerra em que se acham as maiores nações da Europa tem-se reflectido duramente em Portugal, onde o preço das subsistencias vai subindo cada vez mais, devido sobretudo ás deficiencias e dificuldades de transportes maritimos.

O Governo da Republica, querendo ocorrer a essas dificuldades e tendo tambem de obtemperar aos desejos da Inglaterra, nossa aliada, decretou a apreensão dos navios alemães paralisados nos portos portuguêses desde o principio da guerra.

A Alemanha declarou-nos por isso guerra e com a Alemanha está a Austria e Hungria, a Turquia e a Bulgária, nações poderosas e aguerridas, aliadas daquele Imperio.

Nós estâmos ao lado da Inglaterra, nossa aliada ha mais de 500 anos, da França e da Russia, nações egualmente poderosas, que se não tinham exercitos tão bem organisados como a Alemanha, dispõem de populações muito superiores em numero e dos recursos sem limites de todo o mundo, porque a esquadra inglesa garante a liberdade dos mares, e temos por nós as simpatias das nações civilisadas.

Estâmos egualmente ao lado da Belgica, da Servia e do Montenegro, nações pequenas, como nós, mas egualmente briosas e dispostas, apesar de conquistadas, a levar até ao fim os ultimos sacrificios.

Estâmos finalmente ao lado do Direito e da Razão, pois a Alemanha violou brutalmente a neutralidade da Belgica e do Luxemburgo, cuja integridade tinha prometido guardar e fazer respeitar em tratados vigentes, e trabalhava sem descanso para se apoderar das nossas colonias, especialmente de Angola e do Norte de Moçambique, simplesmente porque estes territorios estavam ao alcance dos seus braços e convinham aos seus planos coloniais.

Nestas circunstancias a guerra que a Alemanha nos declarou parece que não poderia evitar-se, e apesar de ser o maior sacrificio que podia ser-nos imposto, convem realmente aos nossos interesses de nação livre.

A vitória da Alemanha representaria a perda das nossas colonias e da nossa independencia!

Batendo-nos ao lado dos aliados defendemos portanto a nossa vida de nação livre e a nossa integridade!

E' preciso que estes factos cheguem ao conhecimento de todos e para esse fim se organisou a comissão abaixo assinada; convem que em todos os concelhos e freguesias do distrito se organisem egualmente comissões para explicar esta situação e animar o povo, fazendo-lhe vêr que nos devemos unir, republicanos e monarquicos, catolicos e livres pensadores, sem distinção de partidos, para o fim glorioso de salvar a Patria.

Convem egualmente incutir-lhe esperanças do bom resultado provavel dos nossos sacrificios.

A Historia mostra-nos que, em todos os tempos e sem excepção alguma, a nação que domina no mar, vem a dominar em terra e nós sômos aliados da grande nação inglesa que pelo seu incomparavel poder maritimo nos garante a liberdade do mar e assim o final triunfo da nossa causa no Continente.

Pedimos a V. Ex.ª que empregue a sua valiosa influencia para no seu concelho e freguesia organisar comissões que se encarreguem de esclarecer o povo sobre a nossa situação, sobre as leis e regulamentos vigentes do serviço militar, sobre a necessidade de servir o Estado com dedicação não só nas repartições publicas, mas tambem nos serviços particulares de que depende o bem geral, como é a agricultura, a que devemos dedicar muito especial cuidado. E' preciso mostrar ao povo a necessidade urgente de sermos economicos, porque temos de fazer face a grandes e imperiosas dificuldades economicas.

E' finalmente preciso mostrar as vantagens que devemos esperar do triunfo da nossa causa pela consolidação da nossa independencia, pelo mutuo auxilio que hão de prestar-se as nações aliadas e pelo impulso que livremente poderemos dar á nossa actividade agricola e industrial, ao nosso comercio e ás nossas colonias.

Esta comissão fica inteiramente ao seu dispôr para todas as informações de que V. Ex.ª carecer sobre a maneira de aí se organisarem e de cooperarem no plano patriotico, de que acabamos de dar conhecimento a V. Ex.ª, e que as circunstancias nos impõem.

Pedimos a V. Ex.ª se digne comunicar ao primeiro signatario o resultado dos seus trabalhos.

Saúde e Fraternidade.

Aveiro, 25 de Março de 1916.

José Cristiano Braziel
Dr. André dos Reis
Dr. Lourenço Simões Peixinho
Francisco Antonio Meireles
Tenente Gaspar Inácio Ferreira
Dr. Antonio Emílio de Almeida Azevedo
Dr. Antonio Maria da C. Marques da Costa
Tenente Carlos Gomes Teixeira
Albino Pinto de Miranda
Tenente-coronel Dias
Domingos José Cerqueira
Tenente-coronel Abílio Augusto de Almeida
Bernardo Torres
Alberto Souto
Dr. Joaquim de Melo Freitas

* * *

No proximo domingo é esperada nesta cidade uma delegação da Junta Patriotica do Norte, composta dos srs. Mario Vasconcelos e Sá, dr. Antonio Barradas, dr. Alfredo Coelho de Magalhães, Artur Medína e do nosso coléga da *Montanha*, José Vieira, que veem proceder á organisação do nucleo local, delegado da mesma Junta, conforme a participação feita ao presidente do municipio aveirense.

Será aguardada ás 16 horas.

Teatro Aveirense

Grandioso espetaculo — primeiro no seu genero em Aveiro — pelo Instituto dos Cegos BRANCO RODRIGUES, de Lisboa, no dia 29 de abril.

Assinatura aberta na tabacaria Reis, aos Arcos.

PRAÇA DO PEIXE

No mez passado, com mau tempo permanente, escasseou o peixe no mercado da cidade. E o clamor de certa imprensa foi: *falta o peixe por causa do regulamento da ria.*

Volta o bom tempo e logo vemos o mercado abundante, farto.

Então como foi o regulamento a causa da escassez se ele era então e é agora o mesmo?

Pobre de quem se mete em camisas de onze varas a falar do que não sabe ou a torcer a verdade.

A escassez era a consequencia natural do tempo agreste que impedia o labor dos pescadores, a consequencia da grande massa de aguas dôces que afluia ao estuario, fazendo saír para o mar muitas especies, a consequencia das aguas alastrarem para fóra dos leitos habituais e o peixe tresmalhar-se para os sapais ou baixios, tornando-se dificil a sua captura.

Voltou o bom tempo, regularizou-se a salinidade, os peixes tornaram tambem para os limites normais dos pesqueiros, e o mercado imediatamente readquiriu o abastecimento muito bom que agora vai tendo e era desconhecido ha uns anos atraz.

Contra os açambarcadores, contra os açambarcadores é que se torna necessario providenciar porque de resto peixe não falta quem o pesque, observando a lei e tire da sua venda os lucros respectivos, compensadores do seu trabalho.

Serviço de administração

CONGO BELGA

Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.

Desde já os nossos agradecimentos.

MANAUS

Tambem o nosso amigo sr. Antonio Dias Pereira possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.

Dr. José Soares

De regresso da Africa é alvo duma grande manifestação do povo aveirense

No *rapido* da noute de domingo ultimo chegou a esta cidade, após um ano de ausencia, o nosso amigo dr. José Maria Soares, tenente medico militar, que fôra encorporado em infanteria 19 para a Africa Ocidental quando seguiu a grande expedição após os acontecimentos que se déram e que custaram a vida a alguns dos nossos soldados que os bandidos teutonicos traiçoeiramente trucidaram.

Espalhada rapidamente a noticia da vinda do nosso conterraneo, expontaneamente brotou, no espirito de todos, o cumprimento do dever moral e patriotico de aguardar o seu desembarque, demonstrando por maneira frisante e sincéra a profunda estima e afeição que a cidade lhe consâgra. Assim, á hora do *rapido*, grande multidão enchia o vasto recinto da estação, estendendo se por ambos os lados da linha, numa massa compacta, que anciosamente esperava não só o bom amigo e predileto filho desta terra, mas o soldado, dedicado servidor da Patria, que tanto se impozéra scientificamente entre os seus colégas pelos hospitaes africanos.

A' hora da tabela, uma salva de morteiros anunciava a entrada, nas agulhas, da locomotiva, as tres bandas de musica executam a *Portugueza*, de mistura com uma colossal salva de palmas e vivas estridentes que se erguem por todos os lados.

Produz-se então um movimento de avanço para a cauda do comboio, donde desce o dr. Soares, para quem centenares de braços logo se estendem e o cingem de encontro ao peito de quantos a gratidão e o aféto ali levavam num sagrado dever.

Não se descreve o que se seguiu desde o logar de desembarque até cá fóra, ao largo, em frente do edificio da estação, para onde veio em triunfo, surpreso e comovido, entre as palmas e vivas que não cessam, alguns destes altamente demonstrativos de quanto existe bem vinculado no coração popular, a obra filantropica e humana do dr. Soares.

Viva o protetor dos pobres! Viva o amigo dos infelizes! — exclamava-se por toda a parte e em muitos olhos de gente do povo reparâmos tambem que havia lagrimas de intensa gratidão e alegria pelo regresso daquele que junto com a aplicação do seu saber, gratuita e generosamente dispensado, deixa sobre a meza tosca e pobre o obulo caritativo e reparador!

Da sua obra humana e caridosa, caiu-lhe sobre a cabeça o premio consolador e publico da gratidão e do amor de quantos ele socorre e ouve, nas suas horas de dôr e de angustia, sem outro proveito mais do que mitigar o sofrimento do seu semelhante e dos seus concidadãos sem distinção de classe. Do seu serviço e dedicação de soldado, lá distante, no sertão e nas plagas africanas, tambem recebeu a devida recompensa, ouvindo gritar — *Viva o defensor da Patria! Viva o exercito Português!*

O dr. Soares não é como aqueles de quem falsa e hipocritamente se diz que fazem do seu mister um verdadeiro sacerdocio; sacerdocio, porêm, que resulta apenas em actos da mais vil e repugnante ganancia, chegando até alguns a levar da casa dos pobres enfermos objectos vários que cheguem para pagar as visitas que, todavia, a câmara municipal satisfaz entregando duzentos escudos anuaes para o desempenho de tal serviço.

O dr. Soares é, na rigorosa verdade dos factos, o desinteressado medico dos pobres, sempre pronto a escuta-los e a atende-los, sem outra preocupação mais que a consciencia do dever cumprido.

O numeroso cortejo, entre o qual se via a academia com o seu estandarte, os asilados de ambos os sexos, bombeiros e grande numero de senhoras, acompanhou até á sua residencia o homenageado, sendo novamente queimados muitos foguetes e erguidos vivas á Patria, á Republica, ao exercito, etc., recebendo por essa ocasião a visita de muitas e muitas pessoas a quem foi materialmente impossivel aproximarem-se dele por ocasião do desembarque.

Saudando o dr. José Maria Soares em nome da velha amizade que nos liga e da justiça que as suas qualidades e patriotismo merecem, o *Democrata* congratula-se com o seu regresso, fazendo votos pelas suas prosperidades futuras.

Triste aniversario

Passa depois de ámanhã o primeiro aniversario do falecimento de Placido Pereira.

Sangra-nos o coração com a mesma intensidade de dôr como na primeira hora amarga em que a morte o arrebatou.

A saudade, que por ele sentimos, e o apreço em que tinhamos as suas qualidades, não se apagarão jámais.

Dele conservamos por isso a memoria, que estremecemos, da sua curta passagem pelo tablado da existencia.

Á MARINHA!

Uma veemente proclamação do respectivo ministro aos seus soldados

Jámais a Alemanha manifestou para com Portugal outros sentimentos que não traduzissem o firme proposito de ferir e agravar, e o premeditado plano de usurpar pela violencia da força e com o mais absoluto desrespeito pelo Direito, esse riquissimo patrimonio colonial, conquistado pelo heroico sacrificio de muitas gerações de portugueses. Não apagado ainda o éco doloroso da afronta de Kionga, com que injusta e brutalmente atingiu a nação portuguesa, de que não tinha agravos de qualquer especie, já novas tentativas de mais dolorosos e profundos golpes nitidamente esboçava contra a riquissima provincia de Angola. A guerra na Europa não deixou que a Alemanha realizasse os seus projectos de invasão e efectivasse os seus tenebrosos planos de absorção, postos em evidencia pela acção violenta do seu exercito colonial. O cruel massacre de Kuangar e a traiçoeira cilada de Naulila, tingindo de sangue português o Sul de Angola, são episodios de uma tão clara e insofismavel significação que das intenções da Alemanha só ficaram duvidando aqueles que teimosamente não descerram os olhos, para continuarem a negar a existencia da luz.

Tendo enveredado pelo tortuoso caminho da violencia e do ultraje, da injustiça e da extorsão, a poderosa Alemanha quiz ir até ao fim, declarando a guerra a Portugal e aproveitando para isso o futil pretexto da requisição dos navios alemães surtos em águas nacionais. Essa declaração de guerra, feita em termos os mais deprimentes e vexatorios, é a ultima eloquente demonstração do seu odio profundo e injustificavel, do seu despreso pelos nossos direitos e daquela desmedida ambição que a não deixa desviar os olhos dos nossos riquissimos dominios coloniais. Ao mesmo tempo, ela mais uma vez provou que deseja o aniquilamento de todas as pequenas nacionalidades. Depois da heroica Belgica, da imortal Servia, do sublime Montenegro, é Portugal a pequena nacionalidade ameaçada de morte pelo imperialismo alemão. A Patria está em perigo? Pois lutemos para a salvar, não hesitando um momento em cumprir o nosso dever, atravez de todas as dificuldades, de todas as dôres e de todos os sacrificios. A Patria está em perigo? Pois encaremos com serenidade os acontecimentos, dispondo-nos ás maiores audacias e aos mais extraordinarios heroismos. Na hora dificil que atraves-

samos, um unico pensamento deve guiar todos os portugueses dignos do passado brilhante da sua raça e da sua nobilissima tradição — dar a vida pela Patria, salvando a sua honra e assegurando o seu glorioso futuro.

A vós, marinheiros, que, além das responsabilidades e obrigações comuns a todos os portugueses, sois os depositarios das gloriosissimas tradições dos audazes navegadores de mares desconhecidos e nunca dantes navegados, e dos vencedores de muitas épicas batalhas contra os mais aguerridos povos, a vós, para quem neste momento se voltam olhares esperançados de tantos milhares de portugueses, a vós, marinheiros, compete dar o exemplo da maior abnegação e manter uma inalteravel serenidade, um calmo e refletido conhecimento do dever colectivo, disciplinando todos os impulsos e subordinando todas as energias ao consciente e esclarecido critério daqueles que vos comandam e que saberão aproveitar as vossas qualidades e orientar todos os esforços para a sagrada defesa dà Patria. Uma vontade disciplinada e uma coragem refletida e serena são os mais preciosos elementos do triunfo. A serenidade é a grande e invencivel força dos que combatem por uma causa justa. E que mais justa causa haverá do que esta em que uma pequena nação, ofendida e ultrajada na sua honra e no seu brio, pretende vingar tais afrontas para continuar merecendo o respeito e a consideração de todos os povos cultos? A modestia dos nossos recursos não deve quebrar-vos o animo, antes deverá ser um poderoso estimulo para os mais extraordinarios feitos e para os mais heroicos sacrificios. E maior estimulo deverá ainda ser o saber que tendes de mostrar o valor da raça portuguêsa e justificar a sua velha fama de sofredora e audaciosa até ao sacrificio, combatendo ao lado da altiva e poderosa Inglaterra, nossa velha e fiel aliada, defensora dos direitos das pequenas nacionalidades, e da nobre e generosa França—mãe augusta de todas as liberdades e patria sagrada da verdadeira Democracia!

No mar do norte, no Mediterraneo e no proprio Atlantico tem a Alemanha procurado, pela acção dos seus submarinos e corsarios, obter ligeiras compensações para os seus reveses, dificultando o comercio mundial, destruindo pacificos navios e assassinando os seus milhares de passageiros, espalhando o terror, não distinguindo beligerantes de neutros e desprezando sistematicamente os tratados, as convenções e os mais elementares principios de Direito Internacional. Dada a distancia das bases de operações da Alemanha e a manifesta dificuldade em iludir a vigilancia da poderosissima frota inglêsa, é contra os submarinos e cruzadores auxiliares inimigos que teremos de nos precaver. E' pois á marinha de guerra que, presumivelmente, caberá a honra de parar os primeiros embates e de inutilizar as primeiras arremetidas do inimigo. Toda a nação confia em que sabereis cumprir a vossa nobre e honrosa missão, respondendo com vigor e com serenidade aos ataques alemães e revelando a vossa nunca desmentida coragem, o vosso grande patriotismo e o mais profundo respeito pelas leis da humanidade que a guerra não póde revogar e que são a mais inequivoca demonstração da grandeza moral que é, que foi e será sempre apanagio dos marinheiros portuguêses. Em todos vós, cidadãos, que no mar tereis de lutar, a nação deposita ilimitada confiança, certa de que não hesitareis em sacrificar a propria vida no altar da Patria e de que sabereis honrar as gloriosas tradições de tantas heroicas gerações de marinheiros e merecer a gratidão e o respeito dos vindouros. Honrai a Patria que a Patria vos contempla!

Necrologia

Tendo recolhido a uma casa de saude, em Lisboa, faleceu vitimado pela doença que de longa data o vinha torturando, o sr. dr. José Alberto Barata do Amaral, que em Vagos exerceu o logar de juiz de direito e em Aveiro o de governador civil durante a ditadura Pimenta de Castro.

O seu cadaver foi sepultado na igreja de Tortozendo.

=Com 33 anos, tambem se finou nesta cidade a unica filha do sr. José Joaquim Gonçalves da Caetana, de nome Rosa da Gloria Gamelas, a quem a tuberculose de ha muito vinha minando sem que lhe valessem os esforços da medicina para a salvar.

= Egualmente deixou de existir a menina Gláfira Varéla Pinto, filha do sr. José Martins Pinto, electricista em Lourenço Marques, e neta do 1.º aspirante dos correios, sr. Augusto Varéla. Tinha apenas um ano de edade.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

Ultima hora

—==(•)==—

SERÁ VERDADE?

Corre com a maior insistencia que a nossa provincia de Moçambique fôra invadida por numerosas forças alemãs, havendo um violento recontro com tropas portuguêsas que o não pudéram suportar por deficiencia de recursos.

Mais se diz que parte brevemente para ali a anunciada expedição afim de manter integro o territorio que legitimamente nos pertence.

* * *

Preparativos militares

Para aquartelamento de tropas em Aveiro estão já tomados diversos edificios publicos e armazens particulares, devendo o abarracamento da feira de março ser tambem aproveitado para o mesmo efeito.

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

ANUNCIOS